

A conversa de Jesus com Nicodemos: És mestre em Israel e ignoras essas coisas?

"O que existe, já havia existido: o que existirá, também já existiu" (Ecl 3, 15).

"Eu era um jovem de boas qualidades e tive a sorte de ter uma boa alma, ou melhor, sendo bom, vim a um corpo sem mancha" (Sb 8, 19).

Introdução

O que temos observado, e que achamos muito interessante, é que as pessoas que não acreditam na reencarnação fazem de tudo para retirar essa ideia da Bíblia, como se isso, por si só, fosse resolver a questão. Estes indivíduos pressupõem, ingenuamente, que se a Bíblia não disser nada sobre a reencarnação, esta não irá existir. Já falamos, e por várias vezes, que a Bíblia não é um compêndio de Ciência e que, por isso, não podemos determinar a existência ou não de qualquer uma das leis naturais com base em suas páginas. Para nós, a reencarnação está no âmbito das leis naturais, não tendo nada a ver com religião, como a querem levar a esse campo seus contraditores, para, daí, apresentarem a Bíblia como prova de sua não existência. Nosso objetivo será exatamente o de provar o contrário.

Após retirarem, mudarem ou interpretarem de forma equivocada e tendenciosa algumas passagens, arrematam categóricos: "não está lá". Isso satisfaz, evidentemente, aos que aceitam tudo sem questionar e aos que, subjugados pela liderança religiosa, não ousam contestá-la, esquecendo-se de que somente "onde se acha o Espírito do Senhor aí existe a liberdade" (2Cor 3,17).

Vamos analisar uma das passagens, talvez a que causa maior polêmica entre os antirreencarnacionistas de carteirinha, ou seja, os cristãos fundamentalistas, para extrair dela o seu significado.

O texto em exame

A passagem está em João capítulo 3, versículos de 1 a 12; leiamos:

1. *Havia, entre os fariseus, um homem chamado Nicodemos, um notável entre os judeus.* 2. *à noite ele veio encontrar com Jesus e lhe disse: "Rabi, sabemos que vens da parte de Deus como mestre, pois ninguém pode fazer os sinais que fazes, se Deus não estiver com ele".* 3. *Jesus lhe respondeu: "Em verdade, em verdade, te digo: quem não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus".* 4. *Disse-lhe Nicodemos: "Como pode um homem nascer, sendo velho? Poderá entrar segunda vez no seio de sua mãe e nascer?"* 5. *Respondeu-lhe Jesus: "Em verdade, em verdade, te digo: quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus.* 6. *O que nasceu da carne é carne, o que nasceu do Espírito é espírito.* 7. *Não te admires de eu te haver dito: **deveis nascer de novo.*** 8. *O vento sopra onde quer e ouves o seu ruído, mas não sabes de onde vem nem para onde vai. Assim acontece com todo aquele que nasceu do Espírito".* 9. *Perguntou-lhe Nicodemos: "Como isso pode acontecer?"* 10. *Respondeu-lhe Jesus: "És mestre em Israel e ignoras essas coisas?"* 11. *Em verdade, em verdade, te digo: falamos do que sabemos e damos testemunho do que vimos, porém não acolheis o nosso testemunho.* 12. *Se não credes quando vos falo das coisas da terra, como creeis quando vos falar das coisas do céu?"* (Bíblia de Jerusalém).

O realce, em negrito, aos termos dos versículos 3 e 7, é nosso, já que devemos destacá-los mais à frente.

A Teologia Católica

A polêmica instala-se por conta do termo grego *anóthem*, que, segundo os exegetas, tanto pode ser entendido como "de novo" quanto "do alto". Isso é um prato cheio para que os

teólogos tirem dessa passagem a ideia da reencarnação, para introduzirem a do batismo, para, com isso, justificarem este ritual.

Uma das traduções que destacamos é a da Bíblia de Jerusalém, pelo motivo dela ter sido elaborada por uma equipe de tradutores católicos e protestantes. Nela lemos a seguinte explicação: "João emprega um termo grego, *anóthem*, que significa também 'do alto' (cf. 3, 7.31). **Esse duplo sentido não existe na língua de Jesus e de Nicodemos**". (p. 1847). Aqui vemos um golpe de morte naqueles que querem buscar nisso um pretexto para retirar dessa passagem a ideia da reencarnação.

Vejamos o que encontramos em outras Bíblias católicas:

Ave Maria: no v. 4 está dito "renascer", e quanto ao v. 5 explicam que é uma alusão ao batismo. (p. 1386).

Pastoral: apenas no v. 3 usaram "do alto", buscam, também, relacionar essa passagem ao rito do batismo. (p. 1356-1357).

Barsa: aplicaram ao v. 3 a expressão "renascer de novo", no v. 5 "renascer" e no 7 "nascer outra vez". Embora não falem nada sobre batismo, implicitamente querem levar a essa ideia quando, no v. 5, ao invés de colocar "e do Espírito", mudam para "e do Espírito Santo". Um detalhe importante dessa Bíblia é sua antiguidade; foi editada em 1965, do que concluímos que nas edições mais recentes, a preocupação de retirar a ideia da reencarnação fica mais evidente. (Novo Testamento, p. 79).

Santuário: Usam no v. 3 e 5 "de novo"; na explicação do v. 3 colocam:

O termo grego aqui empregado é ambíguo. Tanto se pode traduzir por 'nascer de novo' como por 'nascer do alto'. **Nicodemos entende-o no primeiro sentido, como se vê pelo contexto.** Jesus, porém, reconduz a conversa ao seu caminho: os que pertencem ao Reino, não são os que nasceram da carne e do sangue (os descendentes de Abraão, como pensavam os judeus), mas os que nasceram de Deus (cf. Jo 1,13). Tal nascimento realiza-se no batismo (Jo 3,5). (p. 1574) (grifo nosso).

Do Peregrino: informam-nos que Nicodemos em grego quer dizer "vitória do povo"; aliás, muito significativo para a ideia da reencarnação. (p. 2552).

Vozes: nos v. 3 e 7, aplicam o "do alto", dando a seguinte explicação:

A expressão *nascer do alto* (v. 3) **em grego pode ser entendida também como nascer de novo, como faz Nicodemos** (v. 4), no sentido de ser concebido e dado à luz. Jesus, no entanto, fala de um novo nascimento de Deus, da água e do Espírito Santo (v.5), numa referência direta ao rito do batismo (cf. 1,12s). (p. 1275) (grifo nosso).

Aqui temos a confirmação de que, pelo contexto, a expressão deverá ser entendida como "nascer de novo", pois foi assim que Nicodemos entendeu, conforme nos afirmam alguns tradutores da Bíblia. Não adianta, para justificar o contrário, querer comparar o significado de uma palavra colocada em textos diferentes, uma vez que ela poderia, muito bem, ter significados distintos, o que somente o contexto em que cada uma está poderá dar a conhecê-los.

Quanto à questão do batismo, iremos falar mais à frente, noutro tópico.

A Teologia Protestante

Tanto a Novo Mundo, quanto a SBB e a Mundo Cristão, utilizam o "nascer de novo". Dessa última transcreveremos as explicações a seguir:

3:3 *nascer de novo*. Lit., de cima (como em 3:31; 19:11), embora a palavra também signifique "outra vez", "de novo" (Gl 4:9). O novo nascimento ou regeneração (Tt 3:5) é o ato de Deus que concede vida eterna ao que crê em Cristo. Como resultado, tal pessoa torna-se membro da família de Deus (1 Pe

1;23) com uma nova capacidade e um novo desejo de agradar a seu Pai celeste (2 Co 5;17).

3:5 *Quem não nascer da água e do Espírito.* Várias interpretações têm sido sugeridas para o termo *água* neste versículo: (1) Que ela se refere ao batismo como condição para a salvação. Isto, porém, contradiz muitas outras passagens do N.T. (Ef 2:8-9). (2) Representa o ato de arrependimento indicado pelo batismo de João. (3) Refere-se ao nascimento físico; assim, o versículo diria: "Quem não nascer a primeira vez da água e a segunda vez do Espírito". (4) Significa a palavra de Deus, como em Jo 15;3. (5) É um sinônimo para o Espírito Santo, sendo esta a tradução: "da água, isto é, do Espírito". Uma verdade é clara: o novo nascimento vem de Deus através do Espírito. (p. 1322).

Veza por outra, recorremos a um renomado filósofo do século XVII, Baruch de Espinosa (1632-1677), já que, o que afirmou, ainda prevalece em nossos dias. Agora novamente o faremos; assim leiamos:

Admira-me bastante, pois, a engenhosidade de pessoas, como aquelas de quem já falei, que enxergam na Escritura mistérios tão profundos que se torna impossível explicá-los em qualquer língua humana e que, além disso, introduziram na religião tantas matérias de especulação filosófica que a Igreja até parece uma academia e a religião uma ciência, ou melhor, uma controvérsia. [...]. (ESPINOSA, 2003, p. 208).

O comum dos teólogos, todavia, entende que se devem interpretar metaforicamente aquelas passagens em que se atribuem a Deus coisas que eles conseguem ver pela luz natural serem incompatíveis com a natureza divina, ao passo que tudo aquilo que escapa à sua capacidade de compreensão se deverá aceitar à letra. Porém, se todas as passagens daquele gênero que se encontram na Escritura tivessem obrigatoriamente de ser interpretadas e entendidas metaforicamente, então a Bíblia não teria sido escrita para o povo e para o vulgo ignorante, mas unicamente para os especialistas, designadamente os filósofos. (ESPINOSA, 2003, p. 213).

Aqui é interessante notar que mais um tiro mortal é dado, dessa vez em relação à questão de relacionar a passagem ao ritual do batismo como condição *sine qua non* para a salvação, conforme ainda podemos perceber em alguns argumentos teológicos.

A Teologia Espírita

Vamos apresentar os argumentos de um escritor espírita sobre este assunto. No livro "Analisando as Traduções Bíblicas", o autor Severino Celestino da Silva (1949-), no capítulo XVII – A Reencarnação no Novo Testamento, ao se referir à passagem de João 3,1-12, diz-nos o seguinte:

Este é o texto que tem dado mais trabalho aos exegetas que querem negar a Reencarnação. No entanto, é o mais claro e contundente de todos, por isso, existe um verdadeiro malabarismo por parte destes, no sentido de obscurecer o verdadeiro e claro sentido desta passagem. Iniciamos pelo vocábulo "anóten" que em grego pode significar "de novo" e "do alto".

Nesta passagem, esse vocábulo significa realmente "de novo", porém a maioria dos exegetas emprega o termo "do alto" para justificar a sua descrença na Reencarnação. Este malabarismo envolve também a questão gramatical na tradução do texto, como veremos mais adiante. Colocaremos, aqui, muitas observações e conceitos empregados, sobre este texto, feitos por Torres Pastorino na sua obra "Sabedoria do Evangelho", com relação ao texto grego. Concordamos plenamente com todos os seus conceitos, razão por que o usaremos para reforçar nossa exegese. A análise do texto hebraico é de autoria e responsabilidade nossa.

Muitos começam com a afirmação de que Jesus teria dito: "AQUELE QUE NÃO NASCER "DO ALTO". Observe, no entanto, que a pergunta feita por Nicodemos, em seguida, denota que ele entendeu que Jesus falava realmente em nascer "de novo" e não "do alto": Como "pode o homem, depois de velho, entrar pela segunda vez (duteon) no ventre materno?"

Esta ambiguidade de entendimento só acontece na língua grega, porque no hebraico, que foi realmente a língua em que Jesus dialogou com Nicodemos, este problema não existe. O texto é bem claro e jamais pode significar **"do alto"**. Diz o seguinte: (**"im lô iualed ish mimkôr 'al lô-iukal lirôt et-malkut haelohim"**) **im**=se, **lô**=não, **iualed**=incompleto do grau qal(1) do verbo **"nolad"**=nascer, **ish**=um homem, **mimikôr**=palavra composta, formada por **mi**=de + **makôr**=fonte de água viva, origem. Existe a expressão hebraica **"Mekôr chaim"** que quer dizer **"fonte da vida"**. Observe que não existe nada referente **"ao alto"**, no texto grego, como muitos querem se fazer entender. Assim, o Cristo fala que aquele que não nascer em origem, no sentido de se voltar à fonte original da vida, ou seja, nascer novamente, **"não poderá"** (**lô-iuchal**=incompleto do verbo **iachôl**=poder) ver o reino de Deus (**lirôt et-malkut haelohim**).

Assim, no diálogo, a palavra grega **"anóten"** tem o sentido e significado de **'de novo'**, portanto, Jesus falava de retorno, ou seja, de Reencarnação mesmo, como foi visto no texto hebraico.

Lembramos, ainda, que Nicodemos já era um cidadão de idade avançada e o Cristo lhe fala da Reencarnação (Nascer de Novo), como uma esperança e reconforto para ele, mostrando-lhe que a vida não termina com a morte, nem os velhos devem temer a morte, pois podem renascer e começar tudo novamente.

Na sequência, Cristo confirma que era isso mesmo que Ele queria dizer: **"Quem não nascer de água (materialmente, com o corpo denso, dado que o nascimento físico é feito através da bolsa d'água do líquido amniótico), veja o cap. VII deste livro, Salmo 23 e de espírito (pneumatos), ou seja, que adquira nova personalidade no mundo terreno, em cada nova existência, a fim de progredir). Se Nicodemos entendeu ao pé da letra as palavras de Jesus, o Mestre as confirma ao pé da letra e reforça o seu ensino. Com efeito, o espírito, ao reentrar na vida física, pode ser considerado o mesmo espírito que reinicia suas experiências, esquecido de todo passado"**.

A questão gramatical: No texto em grego não há artigo diante das palavras **"água"** (**ek ydatos**= de água) **"e espírito"** (**kai pneumatos**), portanto, o texto fala em nascer **"de água e de espírito"**. Não é portanto, nascer da água do batismo, nem do espírito, mas de água (por meio da água) e de espírito (pela Reencarnação do espírito).

O primeiro versículo do Gênesis (1:1) fala que no princípio criou Deus os Céus e a terra. A palavra **'céus'** em hebraico **"Shamaim"** (2) - significa: **"Carrega água", "Ali existe água"; "fogo e água"** que misturados um ao outro, formaram os Céus.

Como podemos observar, tudo começou com as águas. Água é vida e essa era a crença geral naquela época. É lógico que o Cristo não falava de batismo e sim de retorno através da água. Lembramos ainda que 99% da constituição das células reprodutoras são água.

Daí a explicação que segue: **"o que nasce da carne (ek tês sarkos) com artigo (tês) em grego, é carne", isto é com corpo físico, com toda a hereditariedade física herdada do corpo dos pais; "e o que nasce do espírito (ek tou pneumatos) é espírito", ou seja, o espírito que reencarna provém do espírito da última encarnação com toda a hereditariedade pessoal (cármica) que traz do passado.**

E Jesus prossegue: **"Por isso não te admires de eu te dizer: é-vos necessário nascer de novo"**. Observe a diferença de tratamento: **"dizer-TE"** no singular, e **"é-VOS"** no plural, porque o renascimento é para todos, não apenas para Nicodemos. E mais: **"o espírito sopra (isto é, age, reencarna, se manifesta onde quer), e não sabes de onde veio (ou seja, sua última encarnação), nem para onde vai (qual será a próxima)".**

As palavras de Jesus foram de modo a embarçar Nicodemos, que indaga: "como pode ser isso?" E Jesus: "Tu que (entre nós dois) é Mestre de Israel, te perturbas com estas coisas terrenas? Que te não acontecerá então, se te falar das coisas celestiais (espirituais)?"

Logicamente Jesus não podia esperar que Nicodemos entendesse as interpretações mais profundas desse ensinamento, nem tão pouco estava querendo ensinar-lhe o batismo, nesta passagem, como muitos querem justificar

Se o Cristo falava realmente do batismo para Nicodemos, por que não o convidou a se batizar? E por que o próprio Cristo não o batizou? Leia em João 4:2 que Cristo não batizava, quem batizava eram os discípulos. E por que diante de tantas curas, milagres e encontros, como no da "Adúltera", com "Zaqueu", com o "Centurião", com a "Cananeia", Cristo nunca falou em batismo? Não seria uma oportunidade para este convite? No entanto, sua recomendação era para a mudança interior: **"vai e não peques mais para que coisa pior não te venha acontecer"**.

E Jesus conclui exemplificando: **"como Moisés ergueu a serpente no deserto, assim o Filho do Homem será erguido da Terra"**. (Veja a história da serpente erguida no deserto no Livro Números – vaicrá- 21:4-9).

Aqui o Cristo prevê o que aconteceria a Ele, ou seja, a sua morte na cruz para que hoje seja erguido na terra como filho de Deus e dirigente de toda a nação terrena.

Paulo, em sua epístola a Tito 3:4-5, interpreta bem esta citação do Cristo: **"Mas quando apareceu a vontade de Deus, nosso salvador, e o seu amor para com os homens, não por obras da justiça que tivéssemos feito, mas segundo sua misericórdia nos salvou pelo lavatório da reencarnação, e pelo renascimento de um espírito santo"**.

Aqui, Paulo deixa bem claro que Deus nos salvou não porque o tivéssemos merecido, mas por Sua misericórdia, servindo-se da reencarnação a qual é um "lavatório" (de água) e um "renascimento do espírito". A palavra grega do texto a que se refere Paulo é *παλιγγενεσίας* "Palingenesia" – isto é, "renascimento", "Novo Nascimento", REENCARNAÇÃO.

(1) Esclarece-nos o autor do livro, Dr. Severino que: O termo QAL ou qal é uma palavra hebraica que significa "Fácil" que tem o sentido gramatical de "forma fácil" ou "simples" de conjugação do verbo na língua hebraica. O verbo em hebraico possui sete graus de conjugação (Qal, nif'al, piel, pual, hif'il, haf'al e hitpa'el.) Nesse caso específico foi colocado com relação ao verbo nascer (nolad-em hebraico). O incompleto que é o futuro do verbo na forma QAL que é a mais simples das conjugações.

(2) Neste ponto é colocada a palavra em hebraico: **קָלָה**-

(SILVA, 2001, p. 238-242) (os grifos são do original).

Deixa-nos Severino Celestino, e com clareza meridiana, um posicionamento sereno e equilibrado diante da passagem analisada, embora saibamos que não irá agradar aos fundamentalistas. Mas como já o dissemos, não é este o nosso objetivo.

Os fariseus e o povo - o que pensavam?

Como sempre argumentam que, naquela época, não existia a ideia conceitual da reencarnação, devemos, por amor à verdade, apresentar as provas de que isso não tem fundamento.

A primeira questão é que, se nós formos buscar a palavra "reencarnação" na Bíblia, não a encontraremos. Entretanto, facilmente encontraremos uma outra terminologia que é usada em algumas situações, com o conceito de reencarnação, e que é a palavra **"ressurreição"**.

Quatro são as ideias que eles tinham sobre ressurreição:

- 1ª - alguém voltar a viver na condição de espírito;
- 2ª - reviver no mesmo corpo físico;
- 3ª - voltar a viver num outro corpo físico; e
- 4ª - ressurgir em espírito e, nessa condição, influenciar uma pessoa.

Mais informações sobre essas quatro ideias poderão ser vistas no texto "Ressurreição, o significado bíblico", disponível no site www.paulosnetos.net

Para exemplificar a terceira ideia, podemos citar a narrativa de Lucas (9,18-20) sobre o episódio em que Jesus pergunta aos seus discípulos o que o povo pensava dele, ao que lhe responderam: **"Alguns dizem que tu és João Batista; outros, que és Elias; mas outros acham que tu és algum dos antigos profetas que ressuscitou"**. Pela resposta podemos perceber que é exatamente a ideia da reencarnação, pois Jesus só poderia ser Elias, Jeremias, que é

citado em Mt 16,14, ou algum outro dos antigos profetas, se aceitassem essa possibilidade de ressurreição no sentido de reencarnação, termo, inclusive, usado no texto. A prova que não entendiam bem sobre a reencarnação, aqui com o nome de ressurreição, é pelo fato de terem citado João Batista, que foi contemporâneo de Jesus.

Considerando que nos foi informado que Nicodemos era um fariseu, não podemos deixar de falar dessa classe política e religiosa que existia àquela época. Nós buscaremos esta informação num historiador que viveu naquele tempo, chamado Flávio Josefo (37-1-3 d.C.). Suas obras históricas são: *Antiguidades Judaicas*, *Guerra dos Judeus* e *Resposta de Flávio Josefo a Ápio*, que, em nosso caso, fazem parte do livro *História dos Hebreus*.

E a título de informação transcrevemos:

Quem foi Flávio Josefo? Foi ele um escritor e historiador judeu que viveu entre 37 a 103 d.C. Seu pai foi sacerdote e sua mãe descendia da casa real hasmoneana. Portanto, Josefo era de sangue real. Ele foi muito bem instruído na vasta cultura judaica, bem como na grega. Falava perfeitamente o latim – o idioma do Império Romano, e também o grego. Logo cedo na vida demonstrou intenso zelo religioso, filiando-se ao grupo religioso dos fariseus. (...) (JOSEFO, 2003, p. 41).

Ele, descrevendo a maneira de viver dos fariseus, coloca:

(...) Eles julgam que as almas são imortais, que são julgadas em um outro mundo e recompensadas ou castigadas segundo foram neste, viciosas ou virtuosas; que umas são eternamente retidas prisioneiras nessa outra vida e **que outras voltam a esta.** (...) (JOSEFO, 2003, p. 416) (grifo nosso).

E quando alguns soldados, derrotados na guerra contra os romanos, pensavam em suicidar-se, alerta-os dizendo:

(...) Não sabeis que Ele difunde suas bênçãos sobre a posteridade daqueles, que depois de ter chamado para junto de si, entregam em suas mãos, a vida, que, segundo as leis da natureza, Ele lhes deu e que suas **almas voam puras para o céu, para lá viverem felizes e voltar, no correr dos séculos, animar corpos que sejam puros** como elas e que ao invés, as almas dos ímpios, que por loucura criminosa dão a morte a si mesmos são precipitados nas trevas do inferno; (...) (JOSEFO, 2003, p. 600) (grifo nosso).

Assim, é justo dizer que os fariseus acreditavam numa ressurreição em outro corpo, ainda que não se tenha dito quantas vezes. Ora, isso não é nada mais nada menos do que aquilo que entendemos por reencarnação.

Podemos, ainda, para corroborar a afirmativa de que ela era crença no judaísmo, trazer para comprovação os conhecimentos contidos na Cabala, que, segundo seus estudiosos, é o significado mais profundo e oculto da Torá.

O Rabino Philip S. Berg (1929-), em *Reencarnação as Rodas da Alma*, diz que:

A palavra hebraica para reencarnação é *Guilgul Neshamot*, que literalmente quer dizer 'roda da alma'. É para esta vasta roda metafísica, com sua coroa constelada de almas, como estrelas nas bordas de uma galáxia, que devemos dirigir nosso olhar, se desejamos ver além da aparência da inocência punida e da maldade recompensada. *Guilgul Neshamot* é uma roda em constante movimento e, ao girar, as almas vêm e vão diversas vezes, num ciclo de nascimento, evolução e morte e novo nascimento. A mesma evolução ocorre com o corpo no decorrer de uma única vida. Ocorre o nascimento, o crescimento das células, a paternidade e a morte – novos corpos produzidos pelos antigos, dando assim continuidade à forma física. É sempre um pai que concede sua semente para que haja continuidade, num processo sem fim. (BERG, 1998, p. 17-18).

Severino Celestino, citando o Rabino Shamaï Ende, diz:

Sobre a Reencarnação, apresentamos, aqui, para ilustrar, o depoimento do Rabino Shamaï Ende, colaborador da Revista Judaica "**Chabad News**", publicação de Dez a Fev 1998. Vejamos o texto na íntegra: "**O conceito de Guilgul (Reencarnação) é originado no judaísmo, sendo que uma alma deve voltar várias vezes até cumprir todas as mitsvot(1) da Torá. Além disso, cada alma tem uma missão específica. Caso não tenha cumprido a sua, a alma deve retornar a este mundo para preencher tal lacuna. Somente pessoas especiais sabem exatamente qual é sua missão de vida. [...]**".

(1) Mitsvot – plural de mitsvá que significa mandamento ou prática de boas obras – caridade.

(SILVA, 2001, p. 161) (grifo do original).

Disso podemos concluir que Nicodemos, sendo um fariseu, fatalmente acreditava que alguém poderia voltar; entretanto, não sabia como isso poderia acontecer, razão daquelas suas perguntas a Jesus.

Jesus estaria pregando o Batismo?

Um fato incontestável é que Jesus nasceu, viveu e morreu como judeu. Também não há como discutir que o batismo não era a prática ritualística no judaísmo, que sabemos ser a da circuncisão, ato a que, segundo narrativa no Evangelho, o próprio Jesus foi submetido.

Curioso é que, dos quatro evangelistas, somente João diz algo sobre o batismo. Primeiro, ele afirma que Jesus batizava (Jo 3,22); entretanto, logo depois contradiz o que disse antes dizendo que Jesus mesmo não batizava, mas sim os seus discípulos (Jo 4,2), o que nos deixa desconfiados, pois sabemos que os Evangelhos foram escritos em grego, exceto o de Mateus que foi em aramaico, e que João era iletrado, portanto, sem instrução (At 4,13); como, então, poderia ter escrito o Evangelho que lhe é atribuído? Por isso, não é absurdo supor que, na verdade, outra pessoa o escreveu, fato que nos coloca diante também da possibilidade de que os textos poderiam ter sido "ajeitados" aos interesses dogmáticos daquela época. Todavia, a contradição pode ser apenas aparente, já que o batismo de Jesus não era o mesmo batismo de João Batista. Sobre isso, encontramos uma passagem que diz: "*Eu, na verdade, vos batizo em água, na base do arrependimento; mas aquele que vem após mim é mais poderoso do que eu, que nem sou digno de levar-lhe as alpacas; **ele vos batizará no Espírito Santo, e em fogo.***" (Mt 3,11).

Outrossim, considerando que Nicodemos "era membro do Conselho supremo chamado Sinédrio" (Bíblia Sagrada Ave Maria, p. 1386), portanto, entendedor das práticas ritualistas dos judeus, não teria cabimento a pergunta (*És mestre em Israel e ignoras essas coisas?*) feita por Jesus a ele. Se Jesus estivesse mesmo se referindo ao batismo, certamente, que para Nicodemos, era muito fácil de entender. Se ele desconhecia é porque, na verdade, era sobre outra coisa que Jesus lhe falava. Pelos seus questionamentos ao Mestre, fica claro que era algo mais profundo do que um simples batismo, tinha, portanto, que ser de um assunto mais complexo que esse. Com certeza, a reencarnação é algo assim, já que a maioria das pessoas por "*ignorar essas coisas*", não sabem exatamente sobre "como pode um homem velho voltar a nascer de novo"; daí fazer a mesma pergunta que fez Nicodemos: "*porventura irá entrar no ventre de sua mãe para nascer pela segunda vez?*" A esses responderemos igual a Jesus: "*Não te admires disso*".

Sobre o que Nicodemos entendeu, transcrevemos esse trecho da história na versão de Huberto Rohden (1893-1981), renomado teólogo:

Então passa o Mestre a mostrar a seu novel discípulo que o principal não é *fazer algo*, mas *ser alguém*.

– Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus.

Nascer de novo? **Nicodemos logo pensa em reencarnação material e replica:**

- Como pode um homem velho nascer de novo?

E, um tanto irônico, acrescenta:

- Será que pode voltar ao ventre de sua mãe e nascer mais uma vez? (ROHDEN, 2007, p. 73-74) (grifo nosso)

É importante esse entendimento de Rohden, porquanto mesmo sem aceitar a reencarnação, como se poderá ver no desenrolar de sua versão da história, ele admite que Nicodemos entendeu sim que o que Jesus falava era sobre reencarnação.

Não obstante tudo isso, se o batismo nas águas fosse mesmo uma prática recomendada aos Cristãos, porque Paulo não deu ênfase a isso? Ele mesmo o responde:

*"Para que ninguém diga que fostes batizados em meu nome. É verdade, batizei também a família de Estéfanos, além destes, não sei se batizei algum outro. **Porque Cristo não me enviou para batizar, mas para pregar o evangelho; não em sabedoria de palavras, para não se tornar vã a cruz de Cristo**". (1Cor 1,15-17).*

Kardec assim explicou o texto de João, em exame:

Para se apanhar o verdadeiro sentido dessas palavras, cumpre também se atente na **significação do termo água que ali não fora empregado na acepção que lhe é própria.**

Muito imperfeitos eram os conhecimentos dos antigos sobre as ciências físicas. Eles acreditavam que a Terra saíra das águas e, por isso, consideravam a água como elemento gerador absoluto. Assim é que na *Gênese* se lê: "O Espírito de Deus era levado sobre as águas; fluuava sobre as águas; - Que o firmamento seja feito no meio das águas; - Que as águas que estão debaixo do céu se reúnam em um só lugar e que apareça o elemento árido; - Que as águas produzam animais vivos que nadem na água e pássaros que voem sobre a terra e sob o firmamento."

Segundo essa crença, a água se tornara o símbolo da natureza material, como o Espírito era o da natureza inteligente. Estas palavras: "Se o homem não renasce da água e do Espírito, ou em água e em Espírito", significam pois: "Se o homem não renasce com seu corpo e sua alma." E nesse sentido que a princípio as compreenderam. Tal interpretação se justifica, aliás, por estas outras palavras: *O que é nascido da carne é carne e o que é nascido do Espírito é Espírito.* Jesus estabelece aí uma distinção positiva entre o Espírito e o corpo. *O que é nascido da carne é carne* indica claramente que só o corpo procede do corpo e que o Espírito independe deste. (KARDEC, 2007c, p. 91) (grifo nosso).

Informa-nos, também o escritor L. Palhano Jr. (1946-2000):

(...) A água tinha grande simbolismo entre os hebreus; tanto o espírito como as águas são fecundos (Is 32:15; 44:3; Ez 36:25-27); o espírito é coisa que Deus envia e derrama, como água (Jl 3:1-2; Zc 12:10). Água era uma expressão para indicar influências boas ou más, como no (Sl 1:3): "Pois será como a árvore plantada junto a ribeiros de águas, a qual dá o seu fruto na estação própria, e cujas folhas não caem; e tudo quanto fizer prosperará". (...) (PALHANO JR, 2001, p. 403) (grifo do original)

Daí a necessidade de entendê-la pelo seu simbolismo e não no sentido literal como querem se apegar os que não acreditam na reencarnação. Ademais, se compararmos os versículos 5 e 6 e a respectiva conclusão no 7, veremos que não poderá ser mesmo do batismo que Jesus falava. Existe uma evidente relação entre o versículo 5 e o 6, especificamente nas expressões "*nascer da água*" com "*nasceu da carne é carne*" e "*nasceu do Espírito*" com "*nasceu do Espírito é espírito*". Essa relação nada tem a ver com batismo e nem mesmo com renovação espiritual como acreditam muitos outros, já que Jesus finaliza taxativo:

"*Não te admires de eu te haver dito: **deveis nascer de novo***" (v. 7), significando que o homem fisicamente descende do homem, e o Espírito provém de Deus.

Por outro lado, sendo a reencarnação coisa da terra, explicaria, indubitavelmente, essa fala final de Jesus a Nicodemos: "*Se não credes quando vos falo das coisas da terra, como creereis quando vos falar das coisas do céu?*" (v. 12).

João Batista era Elias reencarnado?

Após tecer comentários sobre o diálogo entre Jesus e Nicodemos, Allan Kardec conclui:

Se o princípio da reencarnação, conforme se acha expresso em S. João, podia, a rigor, ser interpretado em sentido puramente místico, o mesmo já não acontece com esta passagem de S. Mateus, que não permite equívoco: *ELE MESMO é o Elias que há de vir*. Não há aí figura, nem alegoria: é uma afirmação positiva. [...] (KARDEC, 2007c, p. 92).

Igualmente julgamos oportuno abordar essa questão, já que é um dos argumentos que reforçam a reencarnação, pois aqui irá nos ajudar a fortalecer a convicção que essa ideia era, de fato, não somente comum à época de Jesus, como também está presente no texto bíblico.

Primeiramente, citaremos a passagem em que Jesus faz o reconhecimento público da identidade de João Batista, narrado em Mt 11,7-14:

*"Os discípulos de João partiram, e Jesus começou a falar às multidões a respeito de João: 'O que é que vocês foram ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento? O que vocês foram ver? Um homem vestido com roupas finas? Mas aqueles que vestem roupas finas moram em palácios de reis. Então, o que é que vocês foram ver? Um profeta? Eu lhes afirmo que sim: alguém que é mais do que um profeta. É de João que a Escritura diz: 'Eis que eu envio o meu mensageiro à tua frente; ele vai preparar o teu caminho diante de ti'. Eu garanto a vocês: de todos os homens que já nasceram, nenhum é maior do que João Batista. No entanto, o menor no Reino do Céu é maior do que ele. Desde os dias de João Batista até agora, o Reino do Céu sofre violência, e são os violentos que procuram tomá-lo. De fato, todos os Profetas e a Lei profetizaram até João. E se vocês o quiserem aceitar, **João é Elias que devia vir**. Quem tem ouvidos, ouça"*.

A profecia citada por Jesus é a de Malaquias (3,1), que, mais à frente (vv 23-24), identifica quem será esse mensageiro:

*"Vejam! **Eu mandarei a vocês o profeta Elias**, antes que venha o grandioso e terrível Dia de Javé. Ele há de fazer que o coração dos pais voltem para os filhos e o coração dos filhos para os pais; e assim, quando eu vier, não condenarei o país à destruição total"*.

Quando o anjo anuncia a Zacarias que sua esposa estava grávida, diz ele sobre o menino:

*"Ele reconduzirá muitos do povo de Israel ao Senhor seu Deus. Caminhará à frente deles, **com o espírito e o poder de Elias**, a fim de converter os corações dos pais aos filhos e os rebeldes à sabedoria dos justos, preparando para o Senhor um povo bem disposto". (Lc 1,16-17).*

Além de fechar com a citação final da profecia de Malaquias, ressaltamos que ainda é sintomática a expressão "*com o espírito e o poder de Elias*", compreensível aos que acreditam na reencarnação.

Aqui merecem destaque dois versículos dessa citação que estamos analisando.

O primeiro é aquele que diz "*de todos os homens que já nasceram, nenhum é maior do que João Batista*" (Mt 11,11). Analisando-o, chegamos à conclusão que, se não houver uma etapa anterior em que as pessoas possam evoluir, João Batista foi um ser privilegiado, pois já

veio "*maior que todos os homens*"; quer dizer, mais evoluído que todos os homens, fato que contraria o princípio de que "*Deus não faz acepção de pessoas*" (At 10,34). No entanto, é plenamente coerente, quando se aceita a reencarnação como um fator de progresso do Espírito. Por outro lado, completa Jesus: "*No entanto o menor no reino dos céus é maior que ele*" (Mt 11,11), o que dentro de uma justiça divina, só poderá ocorrer se houver a todos nós a possibilidade de evoluirmos em outras vidas.

O segundo é o que o segue, onde está dito: "*Desde os dias de João Batista até agora, o Reino do Céu sofre violência...*" (Mt 11,12). Importante esta afirmativa, mas ela só caberia se João Batista tivesse vivido antes, já que não há sentido algum dizer isso citando uma pessoa contemporânea. Explicando melhor, poderíamos dizer que "*desde o tempo em que João Batista viveu como Elias, o Reino dos Céus sofre violência...*"; dessa forma ficará perfeitamente lógica a afirmativa, coisa que não acontecerá, se não aceitarmos que João Batista seja a reencarnação do profeta Elias, como também ficará de acordo com a afirmativa de Jesus: "*João é Elias que devia vir*" (Mt 11,14).

Jesus, prevendo a incredulidade de muitos, ainda alerta: "*Ouçá quem tem ouvidos de ouvir*" (Mt 11,15), ou seja, se quiser ouvir o que estou afirmando é exatamente isso: João Batista é o Elias reencarnado.

A outra passagem, é aquela em que Jesus sobe ao monte Tabor e se transfigura (Mt 17, 1-9), ocasião em que aparecem os espíritos de Moisés e Elias e conversam com Jesus. Na sequência (vv. 10-13) é narrada a dúvida dos discípulos, pois, ao verem Elias, ficaram preocupados em relação à profecia a respeito de sua volta (Mt 3,1.23-24). Explica-lhes Jesus: "*Elias vem para colocar tudo em ordem. Mas eu digo a vocês: **Elias já veio, e eles não o reconheceram.** Fizeram com ele tudo o que quiseram...*" (v. 11-12). A essa explicação "*os discípulos compreenderam que Jesus falava de João Batista*" (v. 13). Não precisa ser mais óbvio.

Entretanto, algumas pessoas, dando mais crédito ao discípulo do que ao Mestre (Mt 10,24), alegam, contra a crença na reencarnação, que João Batista afirmou não ser Elias, esquecendo-se de que o mais importante é a afirmação de Jesus que ele era.

Considerando que "*Deus é Espírito*" (Jo 4,24), "*O espírito é que dá a vida a carne não serve para nada*" (Jo 6,63) e "*a carne e o sangue não podem herdar o Reino dos céus*" (1Cor 15,50), não podemos aceitar que Elias tenha sido arrebatado de corpo e alma ao céu. Fatalmente, aconteceu a ele, como acontecerá a todos nós, o "*e ao pó retornarás*" (Gn 3,19). Estamos adiantando aos que tentariam justificar que João Batista não poderia ser Elias reencarnado, já que Elias não ultrapassou o portal da morte.

Conclusão

Ainda poderemos colocar que, para algumas situações que passamos nessa vida, somente se acreditarmos na reencarnação é que encontraremos explicação satisfatória. Muitas das nossas dores e sofrimentos são provenientes de erros pretéritos, fato não ignorado na época de Jesus, já que supunham que uma pessoa poderia vir com certa deformidade em virtude do passado delituoso. Essa crença é perfeitamente percebida quando, ao verem um cego de nascença, os discípulos perguntam a Jesus: "*Quem foi que pecou foi ele ou seus pais?*" (Jo 9,2).

Jesus faz uma relação clara entre nossos erros (pecados) e situações dolorosas, ao dizer a um doente que acabara de curar: "*não peques mais, para que te não aconteça coisa pior*" (Jo 5,14). Somente haverá sentido em se falar em carma, para nós espíritas Lei de ação e reação, se houver a crença na reencarnação, já que ambos os conceitos estão intimamente ligados.

Poderemos ainda acrescentar que é pela reencarnação que todos nós um dia estaremos no reino dos Céus, uma vez que esse é o destino fatal de todos nós, já que é do desejo de Deus que todos os homens sejam salvos (1Tm 2,4). Certa feita, Jesus disse aos chefes dos sacerdotes e anciãos do povo "... *Eu garanto a vocês: os cobradores de impostos e as prostitutas vão entrar antes de vocês no Reino dos Céus*" (Mt 21,31), demonstrando claramente que, apesar de tudo, eles um dia estariam no Reino dos Céus; apenas que os detestáveis cobradores de impostos e as desprezadas prostitutas chegariam antes deles.

André Luiz, pela psicografia de Francisco Cândido Chico Xavier (1910-2002), disse, ao comparar a encarnação do espírito num corpo físico, que é o mesmo que estarmos numa prisão. Então, lembramo-nos de um final de uma fala de Jesus em que afirma: "... *você irá para a prisão. Eu garanto: daí você não sairá, enquanto não pagar até o último centavo*" (Mt 5,25-26). Além do progresso, essa é também mais uma utilidade da reencarnação, ou seja, por ela todos nós, quitamos os nossos débitos perante as leis divinas. Aliás, preferimos a isso que irmos irremediavelmente para um inferno eterno, onde nunca conseguiremos pagar nossos débitos, situação em que a Justiça humana seria muito melhor que a divina.

Concluimos seguramente, sem nenhum medo de estarmos errados, que realmente a passagem analisada diz da reencarnação. O contexto histórico nos dá conta de que a reencarnação era crença no judaísmo, embora com o nome de ressurreição. A grande dificuldade é que encontramos essa palavra com vários sentidos; daí a grande confusão que causa a alguns, principalmente àqueles que não querem, por razões dogmáticas, aceitar a reencarnação como uma realidade.

Citaremos, para corroborar o que temos dito aqui, o que os pesquisadores Holger Kersten (1951-) e Elmar R. Gruber (1955-) disseram no livro O Buda Jesus:

Analisando as teorias de Pitágoras, descobrimos que sua teoria da reencarnação veio da Índia. **Apesar de todos os expurgos, essa ideia também é preservada em várias passagens do Novo Testamento**, a ponto de ter-se a impressão de que esse conceito não-cristão foi ensinado pelo próprio Jesus. [...]

Pode-se portanto afirmar que, nessa época, a ideia do renascimento e da transmigração da alma estava enraizada no sentimento popular dos judeus. Isso pode ser demonstrado em várias passagens do Novo Testamento. Lembramo-nos da pergunta dos discípulos a Jesus sobre o homem que era cego de nascença: "Quem pecou, ele ou os pais para que ele tenha nascido cego?" (João 9,20). **A hipótese de que o próprio homem tivesse pecado pressupõe, naturalmente, que o pecado tivesse sido cometido numa vida anterior**, constituindo uma aceitação da ideia do carma. [...]

Essa crença evidente no renascimento que encontramos no Novo Testamento não era, de modo algum, familiar aos judeus dos primeiros tempos. Foi a filosofia helênica que a disseminou por todas as regiões dentro de sua esfera de influência. **O conceito de renascimento (*gilgul*) só se tornou conhecido nos círculos judaicos por volta do início do nosso milênio**. Os talmudistas acreditavam que Deus havia criado um número determinado de almas judias, que renasciam constantemente. Como punição elas, retornavam no corpo de animais. De acordo com essa ideia, o ser humano tinha que experimentar uma longa transmigração da alma (*gul-neschama*) até alcançar a redenção (*tikkun* – a harmonia). A ideia de que a redenção só ocorre quando é atingido o objetivo do desenvolvimento terreno indica a origem hindu e budista do conceito e só surgiu entre os judeus durante o período helênico.

A ideia da reencarnação sem dúvida ocupou um lugar de destaque na visão que Jesus tinha da vida. Isso coloca duas possibilidades: ou Jesus era um mestre da sabedoria helenista que adotou o conceito de renascimento como uma abordagem filosófica, ou extraiu a ideia de fontes hindus. No entanto, a maneira pela qual a ideia do renascimento é integrada à sua mensagem, constituindo um componente fundamental de seu entendimento sobre a redenção, torna a hipótese das raízes hindus muito plausível. Apenas na Índia a reencarnação desfrutou de tal aceitação, e apenas na Índia ela esteve ligada a uma moral semelhante à que Jesus divulgou na Palestina. É por isso que os ensinamentos budistas de Jesus soavam tão estranho aos judeus.

O tema renascimento está presente em muitas passagens do Novo Testamento¹⁵. **Jesus fala de suas vidas passadas e de seu retorno, assumindo desta forma uma clara defesa da ideia da reencarnação**. Sua referência mais explícita a uma existência anterior ("Antes que Abraão fosse, eu sou" - João 8:58) encontra um paralelo no mais antigo relato sobre a vida de Buda, o *Nidanakartha*, onde o Desperto é apresentado como um ser preexistente desde o início dos tempos.

As passagens mais importantes do Novo Testamento em que Jesus revela sua crença no renascimento estão no Evangelho segundo João

(João 3:1-4, 7:9-11). Infelizmente, elas têm sido enormemente mutiladas por traduções incorretas. Graças ao cuidadoso trabalho de Günther Schwarz, muitos desses erros foram corrigidos. Em diversas publicações, esse teólogo conseguiu restabelecer o texto aramaico original dos Evangelhos a partir das traduções gregas existentes, que usou então como base para uma nova versão alemã. O resultado de todos esses anos de trabalho é a obra *Jesus-Evangelium*¹⁶, na qual, com a ajuda de seu filho Jörn Schwarz, reuniu os quatro Evangelhos canônicos e fontes não-bíblicas. Esse "Evangelho de Jesus" será uma constante fonte de referência em nossa análise dos paralelos com o budismo. As citações dessa obra serão abreviadas como "JeEv".

Na tradução correta, o verdadeiro significado das ideias de Jesus sobre o renascimento se torna evidente. Uma noite, sabendo que Jesus "fora enviado como mestre" (JeEv 5:11), Nicodemos, um fariseu, foi até ele. Na tradução alemã usual, a conversa com Nicodemos é acompanhada por incompreensíveis palavras de Jesus: "Se um homem não nascer do alto, não poderá ver o reino de Deus" (João 3:3). A versão não autorizada é menos enigmática: "Se o homem não nascer de novo, não poderá ver o reino de Deus". Nos séculos seguintes, **a Igreja empenhou-se em suprimir do Novo Testamento todas as referências à reencarnação, sem contudo conseguir eliminá-las totalmente.** Nessa nova versão, corretamente traduzida, a intenção das palavras de Jesus volta a se tornar clara. Nicodemos pergunta a Jesus: "O que devo fazer para entrar no Reino de Deus?" Jesus responde: "Em verdade, em verdade, vos digo: quem não nascer *de novo e de novo*, não poderá ser (re)admitido no Reino de Deus". Nicodemos então pergunta: "Como pode um homem nascer de novo e de novo se já é velho? Pode ele voltar ao ventre da mãe e nascer de novo?" Ao que Jesus replica: "Não te admires do que eu disse, é preciso nascer de novo e de novo".

O que está em questão é a readmissão no Reino de Deus como princípio e fim da existência humana. Essa lição deve ser compreendida à luz das passagens da Bíblia em que Jesus diz que João Batista é Elias que voltou à terra (Mateus 11:13-15, 17:10-13; Marcos 9:11-13) e em que ele próprio é considerado um Elias, um Jeremias *ou* um dos outros profetas renascido. **Não existe pois nenhuma dúvida de que Jesus estava falando de um renascimento físico, no sentido hindu de reencarnação.** Visto nesse contexto, o erro de tradução de um famoso versículo de Mateus (18:3) deve ser corrigido. Jesus supostamente teria dito: "Se não vos converterdes e não vos fizerdes como crianças...", quando o surpreendente resultado da tradução correta é: "Se não renascerdes, não entrareis no Reino dos Céus"¹⁷. (JeEv 5:12-16).

15. Otto Flink (*Schopenhauers Seelenwanderungslehre und ihre Quellen*) menciona as seguintes passagens: Mateus 14:1-2, 1Cor 15:35-55; Mateus 17:9-12; Lucas 9:7,8,19; Marcos 9:9-13; Mateus 19:28-30; João 3,3 e 3:8. Ele acredita que a ideia de carma está presente em João 9:2-3; Mateus 19:30; Mateus 5:4,26; Marcos 10:19-31; Lucas 18:29-20.

16. Schwarz e Schwarz (1993).

17. Schwarz (1990), p. 46.

(KERSTEN e GRUBER, s/d, p. 129-132) (grifo nosso).

Acreditamos que, por motivos de interesses de poder e de dinheiro, a liderança religiosa atual não faz a mínima questão de esclarecer essas dúvidas, pois estariam colocando em risco esses seus interesses. Mas estamos confiantes em que, muito mais cedo do que querem alguns, a ciência dará o veredicto definitivo, quando provar categoricamente a lei natural da reencarnação, única coisa pela qual poderemos explicar inúmeros questionamentos humanos, e é por ela que a justiça e a misericórdia de Deus se manifestam em plenitude.

Referências Bibliográficas

- A Bíblia Anotada*. São Paulo: Mundo Cristão, 1994.
- Bíblia Sagrada*, 68ª ed. São Paulo: Ave Maria, 1989.
- Bíblia Sagrada*, Edição Barsa. Rio de Janeiro: Catholic Press, 1965.
- Bíblia Sagrada*, Edição Pastoral. 43ª imp. São Paulo: Paulus, 2001.
- Bíblia Sagrada*, 37a. ed. São Paulo: Paulinas, 1980.
- Bíblia Sagrada*, 5ª ed. Aparecida-SP: Santuário, 1984.
- Bíblia Sagrada*, 8ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1989.
- Bíblia de Jerusalém*, nova edição. São Paulo: Paulus, 2002.
- Bíblia do Peregrino*. São Paulo: Paulus, 2002.
- Bíblia Sagrada*, Brasília-DF: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.
- Escrituras Sagradas*, Tradução do Novo Mundo das, Cesário Lange-SP: STVBT, 1986.
- BERG, P, Rabino. *Reencarnação – As Rodas da Alma*, São Paulo: Centro de Estudos da Cabala, 1998.
- ESPINOSA, B. *Tratado Teológico-Político*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- JOSEFO, F. *História dos Hebreus*. Rio de Janeiro: CPAD, 7ª ed. 2003.
- KARDEC, A. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 2007c.
- KERSTEN, H. e GRUBER, E. R. *O Buda Jesus – as fontes budistas do cristianismo*. São Paulo: Best Seller, s/d.
- PALHANO Jr. L. *Teologia Espírita*. Rio de Janeiro: CELD, 2001.
- ROHDEN, H. *Jesus Nazareno*. São Paulo: Martin Claret, 2007.
- SILVA, S. C. *Analisando as Traduções Bíblicas*. João Pessoa-PB: Ideia, 2001.